

Só políticos assustam

Os quatro anos que separam a eleição e a reeleição do presidente Luiz Inácio Lula da Silva revelam uma economia com indicadores totalmente diversos. Para os analistas, sinal de que o controle da inflação, o aumento das reservas e a confiança dos investidores internacionais, tudo isso aliado a um cenário internacional bastante favorável, deixaram o país mais preparado para enfrentar eventuais crises. E, avaliam os especialistas, não há no horizonte grandes ameaças ao crescimento do Brasil, assim como ocorre com a maioria das economias mundiais.

No dia 4 de outubro de 2002, a sexta-feira que antecedeu o 1º turno das eleições, o dólar fechou cotado a R\$ 3,62. E continuou subindo nos dias seguintes. No último dia 27, a sexta-feira que antecedeu o 2º turno que reelegeru Lula, a moeda norte-americana estava cotada a R\$ 2,13, uma queda de 41%. A mudança mais radical ocorreu com o risco-país, termômetro da confiança do investidor estrangeiro na economia brasileira. Às vésperas do pleito de 2002, estava em 1.972 pontos. Nesta eleição, comportou-se em um patamar bem mais confortável: 213 pontos, quase 10 vezes menos.

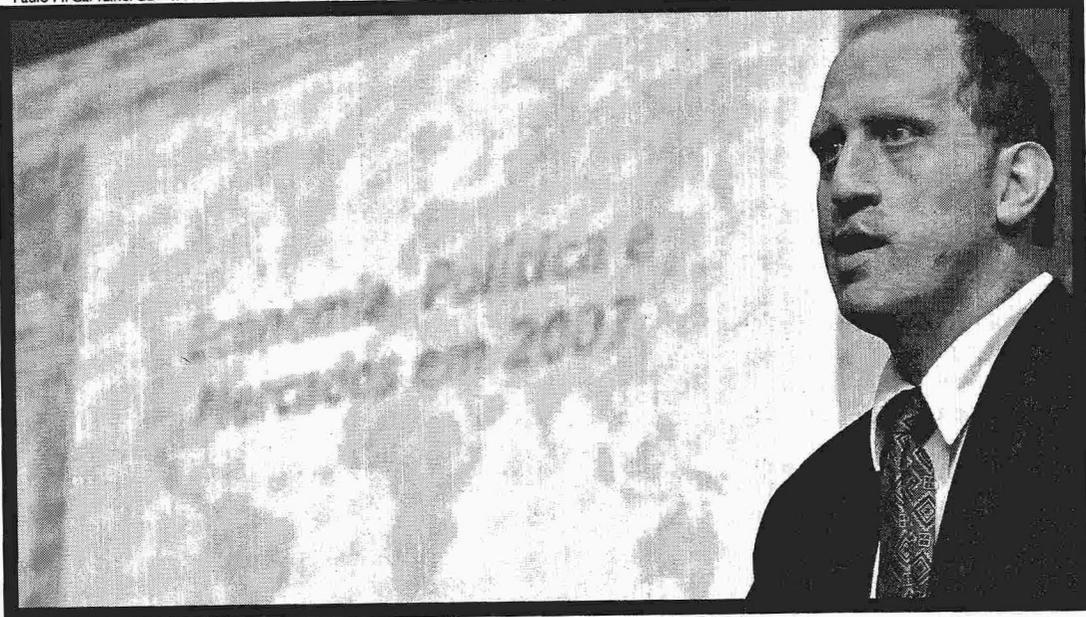
Mas é a Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa) que mais dá o tom do ânimo do mercado financeiro com o presidente Lula. No dia 4 de outubro de 2002, o pregão fechou aos 9.259 pontos. No último dia 28, estava em

39.328 pontos, uma valorização superior a 300%. Para os analistas, a Bovespa, que na última sexta-feira voltou a superar a barreira dos 40 mil pontos — fato que não ocorria desde maio —, deve chegar aos 42 mil pontos ainda este ano, patamar mais de quatro vezes superior ao de quatro anos atrás. Lucro para nenhum investidor colocar defeito.

Para Marcelo Voss, economista da corretora Liquidez, o atual momento do mercado é de total tranqüilidade. Segundo ele, mesmo a pressão da ala desenvolvimentista do governo, que cobra uma redução mais rápida dos juros para alçar o Brasil a um crescimento anual de 5%, não é suficiente para estressar os investidores. “O processo de aumento ou redução dos juros tem pouca margem de manobra. O juro é consequência dos fundamentos econômicos, e não causa. Baixá-lo por uma decisão unilateral não passa de mera retórica”, afirma.

De acordo com o analista, o mercado só se estressaria caso Lula optasse por colocar um indicado político à frente do Banco Central (BC). “Mesmo que ele tire o (Henrique) Meirelles e coloque outro técnico no lugar, não haverá problemas. Agora, se ele colocar alguém do PT, por exemplo, aí seria um forte sinal de mudança, o que o mercado não veria com bons olhos”, define. Voss afirma que nem mesmo a suposta ameaça à governabilidade neste segundo mandato preocu-

Paulo H. Carvalho/CB - 1/11/06



PARA ALEXANDRE PÓVOA E OUTROS ECONOMISTAS, O MAIS IMPORTANTE É O INDICADO PARA O BANCO CENTRAL

pa o mercado. “O Lula tem ao seu lado 16 dos 27 governadores, além de boa parte dos congressistas do PMDB”, pondera.

Na avaliação do sócio-diretor da Modal Asset Management, Alexandre Póvoa, essa discussão entre desenvolvimentistas e monetaristas não tem qualquer lógica. Para ele, a polêmica foi enterrada por Lula já no dia seguinte à reeleição, quando o presidente desautorizou o ministro Tarso Genro. Póvoa é mais um a considerar que uma eventual troca do ministro da Fazenda não tem tanta importância quanto uma mudança na diretoria do Banco Central. “O mercado só ficará receoso quanto a alterações na condução da política monetária”, afirma, referindo-se a eventuais trocas na diretoria do BC. Se-

gundo ele, a saída, por exemplo, do diretor de Política Econômica do BC, Afonso Bevilacqua, poderia ser interpretada pelo mercado

como uma tentativa de flexibilizar a política econômica e acelerar o processo de redução de juros. (MT e ES)